

LIGAÇÃO PROFUNDA

SUSAN B. WILSON

Minha mãe e eu temos uma ligação profunda devido à nossa misteriosa habilidade para nos comunicarmos silenciosamente uma com a outra.

Quatorze anos atrás, eu estava morando em Evansville, Indiana, a 1.300 quilômetros de distância da minha mãe, minha confidente e minha melhor amiga. Uma manhã, enquanto estava num estado silencioso de contemplação, senti subitamente a necessidade urgente de telefonar para mamãe e perguntar se estava tudo bem. A princípio, hesitei. Já que minha mãe dava aulas para a quarta série primária, telefonar-lhe às 7h15min da manhã poderia interromper sua rotina e fazer com que se atrasasse para o trabalho. Mas algo me compeliu a ir em frente e telefonar. Conversamos durante três minutos e ela me assegurou que estava sã e salva.

Mais tarde, naquele dia, o telefone tocou. Era mamãe dizendo que meu telefonema matutino provavelmente lhe salvara a vida. Se ela tivesse saído de casa três minutos mais cedo provavelmente se veria envolvida num acidente interestadual que matara várias pessoas e ferira outras tantas.

Oito anos atrás, descobri que estava grávida de meu primeiro filho. A data prevista para o nascimento era 15 de março. Eu disse ao médico que era cedo demais. A data teria que cair entre 25 de março e 3 de abril, pois era quando minha mãe tinha férias de Páscoa na escola. E é claro que eu a queria comigo. O médico ainda insistiu que a data prevista era em meados de março. Eu apenas sorri. Reid chegou no dia 30 de março. Mamãe chegou no dia 31.

Seis anos atrás, eu estava grávida novamente. O médico falou que a data prevista era para final de março. Eu disse que teria que ser mais cedo desta vez porque - você adivinhou - as férias de mamãe eram no começo de março. Tanto o médico quando eu sorrimos. Breanne chegou no dia 8 de março.

Dois anos e meio atrás, mamãe estava lutando contra o câncer. Com o tempo, ela perdeu a energia, o apetite, a habilidade de falar. Após um fim de semana com ela na Carolina do Norte, eu tinha que me preparar para voar de volta para o Meio-Oeste.

Ajoelhei-me ao lado da cama de mamãe e peguei a mão dela.

- Mamãe, se eu puder, você quer que eu volte?

Seus olhos se arregalaram enquanto ela tentava concordar com a cabeça.

Dois dias depois, recebi um telefonema de meu padrasto.

Minha mãe estava morrendo. Membros da família estavam reunidos para os ritos finais. Eles me colocaram no viva-voz para ouvir o serviço religioso.

Naquela noite, tentei ao máximo mandar meu adeus para mamãe através dos quilômetros que nos separavam. Na manhã seguinte, porém, o telefone tocou: mamãe ainda estava viva, mas em coma e esperava-se que morresse a qualquer minuto.

Mamãe não morreu. Nem naquele dia, nem no dia seguinte.

Nem no outro. Todas as manhãs eu recebia o mesmo telefonema: ela podia morrer a qualquer minuto. Mas não morria. E todos os dias minha dor e minha tristeza eram expostas.

Depois de quatro semanas, finalmente entendi: mamãe estava me esperando. Ela me comunicara que gostaria que eu voltasse, se pudesse. Eu não tinha podido antes, mas agora podia. Fiz as reservas imediatamente.

Por volta das 17 horas daquela tarde, eu estava deitada na cama com os braços em volta dela. Ela ainda estava em coma, mas eu sussurrei:

- Estou aqui, mamãe. Você já pode ir. Obrigada por esperar. Você já pode ir.

Ela morreu apenas algumas horas depois.

Acho que quando uma ligação é tão profunda e poderosa, vive para sempre em algum lugar muito além das palavras e é de uma beleza indescritível. Com toda a agonia de minha perda, eu não trocava a beleza e o poder dessa ligação por nada.